

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA *Ipomoea purpurea* Roth., *I. alba* L. E *I. pes-caprae* Sw. EMPREGADAS EM RITUAIS DE RELIGIÕES DE ORIGEM E INFLUÊNCIA AFRICANA NO BRASIL

María Thereza Lemos de Arruda Camargo*

Resumo: Em continuidade aos estudos de plantas empregadas em rituais de religiões de origem e influência africana no Brasil, o presente trabalho visa apresentar um estudo sobre *Ipomoea purpurea* Roth., *I. alba* L. *I. pes-caprae* Sw., Convolvulaceae

A metodologia empregada baseou-se em pesquisa de campo em candomblé de tradição queto, na cidade de São Paulo, coleta do material botânico, identificação e conservação no Herbário do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo e no Herbário Etnobotânico do Centro de Estudos da Religião, sediado no Dep. de Sociologia da Universidade de São Paulo, além de pesquisa bibliográfica referente à medicina popular e aos assuntos relacionados à etnobotânica, antropologia e às ciências médicas e farmacêuticas.

A pesquisa indicou o uso de folhas e de sementes nas preparações que são oferecidas aos iniciantes nos sistemas de crença em estudo, a fim de propiciar estados de transe, levando em conta a importância de sua ação catártica.

Conclui-se que justificam-se os usos destas espécies botânicas aos fins a que se propõem.

O trabalho compreende descrição, nomes vulgares, princípios ativos, atividade biológica, usos e discussão sobre o papel que essas plantas desempenham nos ambientes propostos pela pesquisa, nas circunstâncias em que ocorrem.

Abstract: A study on *Ipomoea purpurea* Roth, *I. alba* L. and *I. pes-caprae* Sw., Convolvulaceae, which are employed in Brazil, in religions rituals originated in or influenced by African cultures, is presented.

A field work approach was employed in a community of candomblé tradition in São Paulo, where plant materials were collected and identified. Voucher specimens were deposited at the Herbarium of the Botany Department, at the Institute of Biosciences of the University of São Paulo and at the Ethnobotanical Herbarium of the Religions Study Center, at the Sociology Department of the University of São Paulo. Bibliographic search on folk medicina, ethnobotany, anthropology and medical and pharmaceutical sciences was also performed.

The results indicated that the purpose of using the leaves and seeds in the preparations for the offerings by the initiated is induce a state of trance, which is reinforced by the cathartic properties of those plants. Therefore, they may well be used for those purposes.

The present work includes the description, popular names, actives principles, biological activities, usage and a discussions on the role those plants play in the environments proposed for research in the circumstances they occur.

* Centro de Estudos da Religião - Dep. do Sociologia da Fac. Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
São Paulo - Brasil

Introdução

Já tem sido ressaltada a importância das plantas nas religiões de origem e influência Africana no Brasil, visto que a presença delas em qualquer situação de culto é uma obrigação.

Cada planta com propriedades específicas podem ser misturadas a outras a fim de se obter preparações, também específicas, tanto para fins medicinais como mágicos.

“Na medicina as Convolvulaceae sempre tiveram aplicação. Muitas são catárticas, outras emolientes e algumas passam por depurativas, sucedâneos da ‘salsaparrilha”, conforme Hoehne (1939).

“São numerosas as espécies deste gênero das Convolvulaceae que se acham integradas nos jardins do mundo inteiro, e algumas delas provindas do Brasil. Talvez a mais apreciada seja a *Ipomoea purpurea* Roth.”(Rizzini & Mors, 1976:164)

Embora várias espécies de *Ipomoea* sejam empregadas em rituais de religiões afro-brasileiras, o presente trabalho concentra suas atenções no candomblé *Ile ewe axe fun mi*, de tradição Queto, em São Paulo, onde são usadas a *Ipomoea purpurea* (L.) Roth., *I. alba* L. e *I. pes-caprae* Sw., visando uma análise relacionada às atividades biológicas decorrentes dos princípios ativos presentes na planta e seu emprego em rituais religiosos.

Sabe-se da importância das plantas e do papel que representam nos sistemas de crenças de origem e influência africana, visto que nessas religiões o transe é elemento primordial além, também de se colocar em destaque seu valor terapêutico, razão de seu uso nos rituais de cura.

Ressalta-se aí, o valor que se dá ao estado de corpo e espírito ideal dos mediuns para a ocorrência das incorporações.

Alguns autores se dedicaram ao estudo da classificação e identificação das plantas rituais, segundo o pensamento mágico religioso que envolve essas religiões.

Verger (1968) chegou a classificá-las segundo suas propriedades em excitantes e tranquilizantes, as primeiras agindo nos orixás (divindades), de forma a propiciar a possessão e as segundas abrandariam o transe de forma que o uso delas seria para alcançar o equilíbrio durante o transe..

Barros (1983:111), tratou da identificação das plantas na religiões afro-brasileira de tradição jêje-nagôna Bahia, verificando que ela baseia-se no tamanho, forma, cor, cheiro, textura e habitat. É o princípio da analogia

que norteia os usuários. Quanto à forma citam-se exemplos da *Dracaena fragrans* Gaw. e *Sansevieria zeilanica* Willd., de formas alongadas, própria de objetos cortantes como faca e espada. Quanto às cores, segundo o autor, a simbologia é ressaltada, citando o exemplo do “algodão” *Gossypium sp*, pertencente a Oxalá e o vermelho da *Jatropha spp*, pertencentes a Xangô. Acrescenta, ainda, que as cores escuras das folhas ligam-se aos orixás masculinos e as claras às divindades femininas. Referente à textura, as folhas carnosas com capacidade de retenção hídrica estão associadas às divindades femininas ou ao seu esposo mítico comum Oxalá. Folhas enrugadas ou com saliências são atribuídas ao orixá da varíola Obaluaiê. Os carrapichos pertencem a Oxossi. Pêlos urticantes, espinhos e acúleos, associados ao fogo, pertencem a Xangô e/ou Exu. Relativo ao odor das plantas liberado quando esmagadas entre os dedos tem-se os adocicados que são propriedade de *áyábá*, como a “catinga de-mulata”, *Tanacetum sp* e, ainda, as plantas de odor acre, ligadas aos éborá masculinos, como o “quitoco” *Pluchea sp*.

Segundo pesquisas efetuadas para a realização deste trabalho verificou-se que outras espécies de *Ipomoea* são também usadas em rituais afro-brasileiros, tais como: *I. carnea* Jacq. ssp. *fistulosa* (Mart. et Choisy) D’Austin, *I. bona-nox* L. e *I. salzmanii* Choizy.

As *Ipomoea spp* já eram usadas no Brasil desde o século XVI como foi registrado por Souza (1974)

Varios autores, oriundos do meio acadêmico, têm se preocupado com as plantas empregadas em rituais afro-brasileiros e sua identificação botânica, tais como: Fichte (1987), Barros(1983), Lody (1979,1992), Albuquerque (1994), Van den Berg (1988), entre outros. Neste sentido, pais-de-santo, chefes de casas de culto, também têm se dedicado à publicações de obras nas quais destacam o papel das plantas rituais, procurando trazer a público sua identificação botânica, sem, contudo, fornecer as fontes de tais informações. Porém, devemos destacar que essas obras são importantes no sentido de obtermos através delas, mais dados sobre o emprego das plantas nos mais diferentes momentos ritualísticos dos sistemas de crenças de origem e influência africana no Brasil.

O material botânico coletado para este estudo foi identificado no Laboratório de Sistemática do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo e acha-se conservado no Herbário do mesmo departamento e no Herbário Etnobotânico do Centro

de Estudos da Religião, no Departamento de Sociologia da mesma Universidade.

O presente trabalho visa, portanto, contribuir para um melhor conhecimento de plantas do gênero *Ipomoea* empregadas na medicina popular e nos rituais afro-brasileiros, tendo em vista a relação entre a atividade biológica a partir dos princípios ativos que a planta encerra e o papel que representam na medicina popular e nos rituais afro-brasileiros.

Material e método

A pesquisa orientou-se pelo seguinte critério metodológico:

Pesquisa de campo na casa de culto *Ile axe ewe fun mi* detradição queto, em São Paulo;

Coleta do material botânico, identificação e conservação em herbário de referência;

Pesquisa bibliográfica relacionada à medicina popular, Etnobotânica, Ciências Sociais e

Ciências Médicas e Farmacêuticas, além de obras cujos autores são pais-de-santo, chefes de casas de culto;

Resultados;

Discussão;

Conclusão.

Resultados

Pesquisas realizadas na casa de culto *Ile axé ewe fun mi*, permitiram verificar que são usadas três espécies de *Ipomoea* conhecidas por: **gitirana-roxa** (*I.purpurea* (L.) Roth.), **gitirana-branca** (*Ipomoea alba* L.) e **salsa-da-praia** (*I. pes-caprae* Sw.)

Ipomoea pupurea (L.) Roth

Descrição. Trepadeira, com flores violáceas e folhas em forma de coração. (Rizzini & Mors, 1976) “Caule alto e piloso, folhas alternas, pecioladas, cordiformes, agudas ou acuminadas, pubescentes, flores pupúreas, brancas, violáceas, variegadas, campanuladas, axilares, reunidas em pedúnculos 3-5 flores”.(Corrêa, 1926, v.1:209).

Nomes vulgares

África: morning glory, pupa (iorubá), ijalapha, ijalamu, ijalambu (Zulu)

Bolívia: campanilla, camotillo violeta, yeticanu

Brasil: canuto-de-pito, cariola, getirana-roxa, campainha, bons-dias

Cuba: aguinaldo purpúrea

E.U.A: morning glory

Princípios ativos. Conforme Watt & Breyer-Brandwijk (1962:309), "they isolated 4-8 per cent of resin which is the active principle. (...) They, also, isolated 0,018 per cent of a pale yellow volatile oil with a characteristic odour, approximately 0,2 per cent of potassium chloride and nitrate, and a trace of tannin. (...) The plant contains the dihydric alcohol ipuranol, found also in olive bark." "**Convolvulin** "a colorless amorphous and purgative glucoside.

Pesquisa sobre a presença de derivados do ácido lisérgico em sementes de espécies de *Ipomoea* revelaram teste negativo com *I. purpurea*, revelando, todavia, 0,7% em *I. tricolor* segundo Hahn (1990:349).

Atividade biológica. "Preparations of the plant, therefore, will act as an excellent purgative but are useless as a specific remedy in syphilis. It has been suggested that the purgative principle is **convolvulin**." (Watt & Breyer-Brandwijk, 1962:309).

"Convolvulin - A colorless amorphous and purgative glucoside from 'jalapa". (Dorland, 1945:366) "It is a gummy mass, with active purgative properties." (Gould's, 1947: 351).

Usos em rituais afro-brasileiros. Da gitirana-roxa (*Ipomoea purpurea* (L.) Roth.) são empregadas as sementes as quais são amassadas em água formando uma massa que deve ser ingerida. "É folha do vento, que propicia leveza, quando a pessoa está deprimida". Usa-se em trabalhos individuais. Chama-se "pupa" em iorubá. Pertence à divindade Iansã

Usos na medicina popular. Pesquisa de campo quanto ao uso de *Ipomoea purpurea* Roth. na medicina popular, verificou seu emprego como purgativo.

Esta espécie pertence à flora medicinal boliviana, a qual, segundo De Lucca D. & Zalles A. (1992:207), "Se la usa en infusion como diurética, el cocimiento en lavajes para detener la hemorragia de las heridas."

Na África "is used by the Zulu as a purgative and as an antisyphilitic. The root and stem are both used as a purgative by the Zulu". (Watt & Breyer-Brandwijk, 1962:309)

***Ipomoea alba* L.**

Descrição. "Trepadeira robusta de raízes tuberosas e caules tubércu-

los na proximidade dos nós; folhas longo-pecioladas, cordiformes inteiras ou 3-lobadas ou anguladas ou sinuoso-dentadas, sempre agudas até 15cm de comprimento e 10cm de largura; flores brancas de 15cm de diâmetro e tubo estreito de 8cm de comprimento, reunidas em pedúnculo comum de 1-7; fruto capsula ovóide-acuminada, de 4cm, geralmente contendo 4 sementes pretas, bastante duras.”(Correa, 1926,v.1:309)

Nomes vulgares

Argentina: bella de noche

Brasil: boa-noite, coerana, flor-da-noite

Ceilão: alanga

Cuba: bejuco de puerco, b.de vaca

Inglaterra: moon flower

Paraguai: isopó-moroti

Princípios ativos. não encontrados na bibliografia consultada.

Atividade biológica. não encontradas na bibliografia consultada.

Usos em rituais afro-brasileiros. “Espécie da flor branca de caule com espinhos verdes e macios, de cuja espécie usa-se a semente preta e a folha, sendo que esta é macerada em água fria, podendo ser ingerida ou usada em banho, a fim de propiciar o estado de “abertura da mente, facilitando o transe”, segundo o pai-de-santo do *Ille axe ewe fun* mi, a casa de culto pesquisada.

Chama-se ewe iya (folha da mãe) e **funfun**, em iorubá.

Usos na medicina popular. “As sementes foram usadas torradas e reduzida a pó pelos africanos escravos como sucedâneo do café.”(Correa, 1926, v.1:309)

***Ipomoea pes-caprae* (L.) Roth.**

Descrição. “Planta rastera. Las hojas son carnosas suborbiculares con el ápice roído, de modo que parece bilobada; la base acorazonada; la flor grande, embudada, purpúrea.”(Roig y Mesa, 1988:189)

Nomes vulgares

Brasil: salsa-da-praia, cipó-da-praia

Cuba: boniato de play

África: Gboroáyábá (iorubá)

Princípios ativos. Segundo Watt & Breyer-Brandwijk (1962:309), “The leaf, collected en Florida, U.S.A., contains mucilage, volatile oil, a complex

resin, a fat, a phytosterol, bitter substances and a red pigment but no alkaloid, glucoside or saponin.”

Atividade biológica. “O látex é catártico e as folhas gozam de reputação como anti-hidrópicas.”(Correa, 1926,v.1:309)

Usos nos rituais afro-brasileiros. *No Ile axé ewe fun mi*, em São Paulo, usa-se a folha, devido ao látex de suma importância para os fins a que se propõem, dentro dos rituais de iniciação. As folhas são maceradas em água fria e esta, tanto é bebida como usada em banhos. Seu uso no candomblé pesquisado é importante durante o processo de iniciação religiosa, tendo em vista o látex presente nas folhas. As mesmas são maceradas em água fria e esta, tanto é ingerida, como usada em banhos.

É planta petenente às santas mulheres, ou seja a todas as *labás*, *orixás* femininos.

Salsa-da-praia quer dizer: “aceite a palavra da mãe”

Nas casas de santo jêje-nagô em Salvador, Bahia, usa-se a *Ipomoea pes-caprae*, planta ligada a todas *Ayábá*. *Ipomoea pes-caprae* compreende uma das 8 folhas fixas utilizadas em banhos, de acordo com o santo que está sendo feito. As sete outras plantas são: toto (iorubá) cardamomo *Renealmia brasiliensis*; Jókòjé (iorubá) papo-de-peru *Aristolochia brasiliensis*; ágbao (iorubá) umbamba *Cecropia palmata*; tètèrègún (iorubá) cana-de-macaco, *Costus spicatu*; rínrín (iorubá) alfavaquinha –de-cobra *Piperonia pellucida*; ogbó (iorubá) orobó *Garcinia Kola*; étiponlá (iorubá) erva-tostão *Boerhavia hirsuta*. (Barros, 1983:114)

Na Casa das Minas, no Maranhão, esta espécie de *Ipomoea* faz parte do rol de plantas sagradas chamadas “aconcône”, empregadas em banhos, amassis de purificação e para forrar o chão do ‘pegi’ (espaço triangular sagrado), durante certas cerimônias”.(Berg, 1988:485)

Usos na medicina popular. Na pesquisa de campo foi constatado o uso das folhas medicinais como purgativo, assim como as folhas trituradas e aplicadas sobre abscessos, provocam a supuração das mesmas. Seu decocto é emoliente e vulnerário.

No Pará, região amazônica, são preparados remédios utilizando-se folhas de *Ipomoea pes-caprae* para serem aplicados sobre edemas e contusões, segundo Furtado et alii (1978:20)

Na República Dominicana, “las hojas se usan como purgantes y vomitivas. Untadas con sebo de Flandes ‘abrem los pulmones’. Son tam-

bién vermífugas y su zumo se emplea para curar úlceras”. (Lopez & Llinas & Suarez, 1992:143) Em Cuba “se usa al interior en decocción para combatir las visceralgias; al exterior contra los dolores artríticos.” (Roig & Mesa, 1988:189)

Discussão

Desde o século XVI é registrada a presença de espécies de *Ipomoea* no Brasil, usadas medicinalmente. Segundo Souza (1974), no século XVI, referindo-se a elas diz: (..) “uma herva, que nasce pelos campos e lança por cima da terra uns ramos como batata (...) que são maravilhosas para purgar”.

Embora a casa de culto pesquisada se utilize das espécies *Ipomoea purpurea*, *I. alba* e *I. pes capre*”, outras casas em diferentes regiões do Brasil, se utilizam de outras espécies.

Na Casa das Minas, em São Luís do Maranhão, também são usadas em rituais três espécies de *Ipomoea*, com indicação de duas fontes de identificação: boa-noite (*I. bona-nox* L.) segundo Correa e Convolvulus duartinus, segundo Rêgo; jalapa (*I. jalapa* Pursh.) segundo Correa e (*Convolvulus operculatus* L.) segundo Rêgo e salsa-da-praia (*I. pes-caprae* Sw.), segundo Fichte (1985:245-6).

Em Pernambuco, conforme Albuquerque & Andrade (1994), nos rituais afro-brasileiros empregam a espécie *Ipomoea asarifolia* Roem & Schult., conhecida naquele estado por salsa.

Na Bahia, segundo Barros (1983) são usadas a *Ipomoea salzmanii* e a *I. batatas*.

Na África são várias as espécies de *Ipomoea* usadas segundo Verger (1995:33,179,381) tais como *Ipomoea obscura*, *I. cairica*, *I. hederifolia*. Cita o exemplo da folha da batata-doce, *Ipomoea batatas* junto com folhas de *Vernonia amygdalina* e *Plumbago zeglantica* usadas em receita para curar varíola. Essa receita deve ser acompanhada da seguinte encantação: “A varíola nunca ousa atingir ewúro./ Kúkúndükú nunca se sente quente./ Inábìrì está sempre fresco e calmo.

Ramon Pardal (1937:328) ao tratar do ololihqui diz que os primeiros cronistas que tiveram contato com os indígenas do antigo México referem-se ao uso freqüente de un alucinógeno chamado *coatloxouhqui* ou *ololihqui*.

Segundo este autor, “por la forma que tuvieron de emplearlo, se de-

duce que no fué utilizado como una droga de uso consuetudinario, ni como um estimulante dinamógeno. Su ingestión tenia como fin principal colocar al sujeto en un estado especial de espíritu; en trance como diríamos hoy, para intuir la causa, el diagnóstico y tratamiento de las enfermedades, o para ejercer la adivinación con el objeto de hallar las cosas o personas extraviadas. La planta que la produce y las semillas que empleaban eran objeto de veneración y respeto, identificándolas con un ente divino dotado de poderes. (...) Se discute aún la identificación de la planta a la que pertenecen las semillas que suministran el ololihqui. (...) A mediados del siglo pasado Leonardo Oliva, en su lecciones de Farmacología, catalogó entre los *Convolvulus* dentro de las *Ipomoea*, reconociendo a la resina que produce, propiedades purgantes, semejantes a la *Ipomoea jalapa*.

Porém, segundo Amorim (1974 55), Schultes em 1937, determinou a espécie como sendo *Rivea crymbosa* Convolvulaceae. Porém existe outra espécie de origem mexicana, a *Ipomoea violaceae*, relacionada ao “ololihqui” com os mesmos alcalóides.

O pai-de-santo da casa de culto pesquisada, diz que para a realização do transe é necessário que “a pessoa esteja aberta no seu ‘elemi’, sua parte mais profunda, a parte mais escondida onde está seu cerne, sua essência. As folhas ajudam o homem a se despojar dos elementos mundanos, teóricos e filosóficos, fazendo a força do orixá chegar à essência. É lá que se processa a iniciação”. Acrescenta, ainda, que as *Ipomoea* são folhas da criação e que põem o homem em contato com o divino, propiciando, portanto o transe.

Essas observações do pai-de-santo concordam com o que foi exposto acima, referente aos antigos indígenas mexicanos, que além de usarem as sementes, tal como ocorre na casa de culto pesquisada em São Paulo, a planta é identificada com entidades divinas, ou seja, com os orixás das religiões de origem e influência africana no Brasil.

Paralelamente, a ação catártica própria das espécies de *Ipomoea* têm valor significativo dentro do pensamento religioso que governa os adeptos, visto que o indivíduo sob a ação dessas plantas, fica “limpo de impurezas”, propiciando condições físicas ideais para a aproximação das divindades através do transe. Nesse sentido e com referência à receita para varíola usada na África acima citada, pode-se imaginar que a presença da *Ipomoea batatas* possa indicar a ação refrescante, visto que na medicina popular há a diferenciação entre doenças quentes e

frias e são consideradas quentes as doenças que se manifestam com erupções de pele com pústulas. Os “intestinos limpos” segundo o pensamento médico popular, é a base para a cura dessas enfermidades. Este é um procedimento que foi corrente na medicina do passado, que admitia que “purgar” era um primeiro passo para se iniciar qualquer terapia, a fim de debelar um número grande de doenças,

Observa-se que diferentes espécies de *Ipomoea* são usadas em rituais de religiões afro-brasileiras; porém, os autores consultados não dão informações mais detalhadas quanto à parte da planta utilizada e em quais situações ritualísticas são empregadas.

Quanto as espécies selecionadas para este trabalho, visto serem as usadas na casa de culto pesquisada, sabe-se que da *Ipomoea purpurea* (L.) Roth. e da *I. alba* L., são usadas as sementes e da *Ipomoea pes-caprae* Sw., as folhas, dando-se valor ao látex presente nelas.

Uma análise mais aprimorada sobre os efeitos dessas preparações à base de semente e folha se torna difícil devido à escassez de trabalhos científicos sobre essas espécies, que tratem do assunto.

A única observação que se pode fazer é que os usuários desses preparados, admitem a ação cartártica dos mesmos, visto ser o objetivo de seu uso, embora esteja aí, também embutido o valor simbólico que a planta representa dentro desses sistemas de crença, onde as plantas são identificadas com divindades, ganhando poderes através delas.

De outro lado, existe a hipótese da *Ipomoea purpurea* Roth. e da *I. alba* L., conterem os alcalóides encontrados na *Ipomoea violaceae* L., espécie alucinógena., tal como ocorreu com a *Ipomoea bonarienses* Hooker, da qual foram isolados Ergina e Isoergina¹. Segundo Mandrile (1982:3), que realizou um estudo comparativo entre as sementes da *Ipomoea violacea* L. e as sementes secas de várias espécies das *Ipomoea* que circulam no comércio de Buenos Aires e entre elas estavam as duas espécies ora em estudo, aquele autor diz que um número grande delas apresentavam tais alcalóides.

Certamente, podemos admitir que através da transmissão oral de geração a geração, o uso dessas espécies de *Ipomoea* usadas em rituais religiosos, permite lembrar os costumes de povos antigos, como os astecas citados acima, os quais admitiam que o efeito da droga visava o estado ideal de espírito para se alcançar o transe. Dessa forma, percebe-se que as diferentes espécies usadas nas casas de culto no Brasil, variam conforme a facilidade em adquiri-las.

Observa-se, ainda, que o nome vulgar nos EUA, tanto da *Ipomoea violaceae* L. como da *Ipomoea purpurea* Roth, é “morning glory”, podendo-se imaginar que os efeitos ocorridos com a ingestão de ambas espécies sejam semelhantes, ou seja, apresentam os mesmos alcalóides, conforme demonstrou a pesquisa de Mandrile (1982).

Conclusão

Com base nos dados coletados em pesquisa de campo e bibliográfica, pode-se concluir que as diferentes espécies do gênero *Ipomoea* usadas nos rituais religiosos afro-brasileiros, variam segundo as possibilidades de tê-las à mão com facilidade, visto que sabem que são plantas que agem como purgativas, o que lhes interessa, pois visam esse efeito. A *Ipomoea pes-caprae* L., todavia, foge a essa regra, visto que é sempre necessário recorrer às regiões litorâneas para se obter exemplares. Assim, a *Ipomoea purpurea* Roth. e a *I. alba* L., segundo o pai-de-santo, são encontradas facilmente, próximas da casa de culto pesquisada.

Devido à escassez da bibliografia científica referente aos princípios ativos e atividades biológicas das espécies em estudo, este trabalho permitiu apenas uma abordagem quanto à ação purgativa, comum a várias espécies do gênero *Ipomoea*.

É possível concluir que o uso de espécies de *Ipomoea* remonta a épocas passadas, usadas por povos primitivos, a exemplo dos antigos astecas citado acima, que atribuíam poderes sobrenaturais, cujo consumo permite estados ideais para a ocorrência do transe, tais como ocorre hoje na casa de culto pesquisada. À semelhança dos antigos astecas, o pai-de-santo usa as sementes, além de admitirem serem plantas identificadas com as divindades cultuadas.

Percebe-se, também, a influência da medicina erudita de gerações mais antigas e da medicina popular, sua herdeira, no que se refere ao ato de purgar o doente, antes de se iniciar qualquer terapia.

Tornam-se pois, necessários mais estudos científicos sobre as espécies botânicas popularmente usadas, a fim de possibilitarem melhor análise quanto aos seus usos na medicina popular e nos rituais afro-brasileiros.

Bibliografia

- Albuquerque, Ulysses Paulino de & Andrade, Laise de Holanda Cavalcanti.** 1994. Minhas ervas- meus orixás: o papel das plantas nas religiões afro-brasileiras In: Anais da II Jornada Antropológica - Estudos afro-brasileiros, Recife, Fundação Joaquim Nabuco.
- Amorim, José L.** 1974. Plantas de la flora argentina relacionadas con alucinógenos americanos Publicaciones de la academia Argentina de Farmacia y Bioquímica n.1, Mexdico-Capital Federal, Caporaletti.
- Barros, J. Flávio Pessoa de.** 1983. Ewé o Ósanyin - Sistema de classificação dos vegetais nas casas de santo jêje-nagô Salvador, Bahia, Programa de pósgraduação em Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, Tese de doutoramento.
- Berg, Elisabeth.** 1988. Aspectos botânicos do culto afro-brasileiro da casa das minas do Maranhão, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Dep. Botânica.
- Claus, Edward P. & Tyler, Varro E.** 1968. Farmacognosia Buenos Aires, El Ateneo.
- Crovetto, Raul Martinez.** 1981. Las plantas utilizadas en medicina popular en el noroeste de Corrientes - Rep. Argentina, Tucuman – Argentina, Ministerio de Cultura y Educacion/Fundacion Miguel Lillo.
- Da Matta, Alfredo Augusto.** 1913. Flora medica brasiliense Manaus, Imprensa Oficial.
- De Lucca D., Mauel & Zalles A., Jaime.** 1992. Flora medicinal boliviana – Diccionario enciclopédico La Paz – Cochabamba – Bolívia, Editorial Los Amigos del Libro (Werner Guttentag).
- Dorland, W.A. Newman & A.M. & M.D. & F.A.C.S.** 1945. The American Illustrated Medical Dictionary 20a. Ed. , Philadelphia, USA, Saunders.
- Fabelo, Teodoro Diaz.** 1960. Olorún La Habana, Ediciones del Departamento de Folklore del Teatro Nacional de Cuba.
- Fichte, Hubert.** 1985. Die Pftanzen der Casa das Minas Curare Ethnobotanik Sonderband 3185, março, p.241-248.
- Figueiredo, Napoleão.** 1979. Rezadores, pajés e puçangas Belém, Universidade Federal do Pará – Boitempo. (Série Pesquisa, 8)

- Furtado, L.G. & Souza, R.C. & Beerg, M.E. vanden.** 1978. Notas sobre uso terapêutico de plantas pela população cabocla de marapanim, Pará, In: Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi, Antropologia (70) 31 de outubro.
- Gould's Medical Dictionary.** 1947. 5a. Ed., USA, Blakiston.
- Hahn, E.** 1990. Qualitative e quantitative examination of lisergic acid derivatives in the species of Ipomoea In: Gyogyszereszet V.34 (jul.):349-358, Hungria.
- Hoehne, F.C.** 1939. Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais São Paulo, Graphicars.
- Burkart, Arturo.** Flora ilustrada de Entre Rios V (Argentina) dicotiledoneas metaclamedeas (gamopétalas) s/l, s/d.
- Lewis, Water H. & Elvin-Lewis, Memory P.F.** 1977. Medical botany New York, John Wiley & Sons.
- Lody, Raul Jiovanni da Motta.** 1979. Santo também come Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (Série Estudos e Pesquisas, 15).
- _____. *Tem dendê tem axé – Etnografia do dendezeiro* Rio de Janeiro, Pallas, 1992. (Série Raízes,v.2)
- Lopez, D.I.M. & Llinas, I.H. & Suarez, E.G.** 1992. Medicina tradicional dominicana (Una contribucion a su estudio) Santo Domingo – Rep. Dominicana, Editora Tecnico Profesional S.A..
- Mandrile, Eloy P.** 1982. Alucinógenos en especies de Ipomoea In: Revista Científica del Cgio. Fcos. Pcia. Bs. As.
- Pardal, Ramon.** 1937. Medicina aborigen americana Buenos Aires, Humanior, Biblioteca del Americanista Moderno.
- Rizzini, Carlos Toledo & Mors, Walter B.** 1976. Botânica econômica brasileira, São Paulo, EPU, Ed. da Univrsidade de S!ao Paulo.
- Rodriguez M., Pilar.** Plantas de la medicina popular venezolana de venta en herbolarios, s/l, s/d.
- Roig y Mesa, Juan Tomás.** 1988. Diccionario botanico de nombres vulgares cubanos La Habana, Cuba, Ed. Científico-Técnica.
- Souza, Gabriel Soares de.** 1974. Notícia do Brasil São Paulo, Rev. Dos Tribunais. The American Illustrated Medical Dictionary.

Torres, Dionisio M. Gonzalez. 1992. Catalogo de plantas medicinales (Alimenticias y utiles) usadas en Paraguai. Asuncion – Paraguai, s/l.

Verger, Pierre. 1995. Fatumbi. Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá. São Paulo, Companhia das Letras.

Watt, J.M. & Breyer-Brandwijk, M.G. 1962. The medicinal and poisonous plants of southern and eastern Africa 2.ed. great Britain, Livingstone.

Zanini, Antonio Carlos & Oga, Seizi. 1985. Farmacologia aplicada São Paulo, Atheneu Editora.